A NARRATIVA EM QUADRINHOS COMO RECURSO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM IBIASSUCÊ-BA: MEMÓRIA E IDENTIDADE EM ANGOLA JANGA

Camillo Prisco Santos Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-8285-9444
Endereço eletrônico: camilloprisco1984@gmail.com

José Ricardo Rosa dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0432-7089
Endereço eletrônico: ricardorosaifbaiano@gmail.com

Palavras-chave: educação antirracista; histórias em quadrinhos; memória; EJA.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga o potencial da narrativa em quadrinhos como recurso pedagógico antirracista, tomando como objeto central de análise a História em Quadrinhos (HQ) Angola Janga: uma história de Palmares (2017), do autor Marcelo D'Salete. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Ibiassucê, no estado da Bahia, especificamente no Centro Educacional de Ibiassucê (CEI) e em seus respectivos anexos rurais, observa-se o desafio recorrente de abordar a história afro-brasileira, o processo de escravização e a religiosidade de matriz africana sem recair em abordagens superficiais ou estereotipadas.

Em consonância com as exigências normativas da Lei nº 10.639/2003, delineia-se a seguinte problemática de pesquisa: como a narrativa em quadrinhos de *Angola Janga* pode atuar como recurso pedagógico antirracista na EJA em Ibiassucê-BA? O objetivo geral consiste em identificar e analisar de que maneira a estrutura estética e narrativa da obra mobiliza os conceitos de memória coletiva e identidade étnico-racial para construir uma perspectiva histórica emancipatória. Especificamente, busca-se analisar a mobilização dos conceitos de memória e identidade étnico-racial na estrutura estética, iconográfica e narrativa da HQ, mapear as necessidades de letramento visual para a transposição didática da obra e

compreender como as memórias subterrâneas e trajetórias de vida dos estudantes dessa modalidade de ensino dialogam com a resistência diaspórica retratada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O referencial teórico indica que as Histórias em Quadrinhos (HQs) superam o estigma de subgênero infantil, configurando-se como uma arte sequencial de elevada complexidade semiológica (Ramos, 2020), capaz de mediar tensões sociopolíticas no espaço escolar. A exigência de leitura simultânea de códigos verbais e visuais encontra apoio nas teorias de multiletramentos (Rojo, 2012) e de cultura da convergência (Jenkins, 2009), que validam a integração de múltiplas linguagens no processo formativo de estudantes trabalhadores e idosos.

No campo da identidade e memória, a obra atua como um rigoroso dispositivo reconstrutivo. Para Ricoeur (2007), a identidade narrativa se forja quando o sujeito reinterpreta sua própria trajetória por meio do encontro com a temporalidade dos relatos históricos e ficcionais. O autor escreve que

> O que faz a fragilidade da identidade? É o caráter puramente presumido, alegado, pretenso da identidade. Esse *claim,* como diriam os ingleses, esse *Anspruch*, como diriam os alemães, aloja-se nas respostas às perguntas "quem?", "*quem* sou eu?", respostas em "que?", da forma: eis o que somos, nós. Somos *tais*, assim e não de outro modo. A fragilidade da identidade consiste na fragilidade dessas respostas em *que,* que pretendem dar a receita da identidade proclamada e reclamada (Ricoeur, 2007, p. 94).

A identidade é um campo de batalha discursivo que se sustenta na "corda bamba" da memória coletiva e da narrativa, faz-se uma estrutura precária, mas indispensável, que exige constante reelaboração autoral por parte dos sujeitos para se manter viva. A narrativa de D'Salete constitui-se como uma "trinca" na história oficial colonial, promovendo o enquadramento de memórias subterrâneas (Pollak, 1989). Essa dinâmica retira do silenciamento a ancestralidade palmarina, legitimando o "Lugar de Fala" (Ribeiro, 2017) de populações sistematicamente marginalizadas.

A implementação desse recurso pressupõe, por parte do professor, uma transição metodológica da mera apropriação passiva para a mobilização de saberes para as autoras Zibetti e Souza

> a atuação pedagógica na docência não se dá apenas com base nos conhecimentos obtidos durante os cursos de formação, mas que, ao atuar em

> sala de aula, os professores produzem saberes.(...)Partimos do pressuposto que conhecer de que forma os saberes docentes são apropriados, modificados e mobilizados na prática pedagógica pode contribuir para a construção de propostas formativas que considerem esses saberes e a sua constituição como o ponto de partida dos projetos de formação, valorizando os professores como produtores de saberes. (Zibetti; Souza, 2007, p. 249).

Borges (2001) categoriza os saberes docentes em diferentes fontes, destacando os saberes da formação profissional, os curriculares, os disciplinares e os saberes da experiência, os quais são cotidianamente forjados no chão da escola.

> os "saberes proposicionais" e os "saberes institucionalizados" contribuem para moldar a prática, ou seja, como os conhecimentos ligados ao ensino, aos conteúdos disciplinares, aos programas, ao currículo etc. repercutem na ação docente, mas também como os professores operam com esses conhecimentos em classe. Pela tipologia que oferece, um dos trabalhos destacados é o de Shulman (1987), no qual são identificadas sete categorias de saberes: o conhecimento disciplinar, o conhecimento pedagógico geral, o conhecimento do currículo, o conhecimento da psicologia da infância, o conhecimento do contexto institucional, os conhecimentos dos fins educativos e outros conhecimentos que não fazem parte do domínio escolar. Estes saberes se consolidam em um amálgama pedagógico que une conteúdo e pedagogia. (Borges, 2001, p. 68)

Eles atuam como um filtro crítico essencial no chão da escola, permitindo que a HQ deixe de ser apenas um material didático convencional para se transformar em um eixo gerador de diálogos contra-hegemônicos estruturados na vivência do alunado.

METODOLOGIA

A investigação pautar-se-á em uma abordagem qualitativa de base fenomenológica, caracterizando-se como um estudo de campo exploratório e descritivo (Gil, 2002). O *lócus* da pesquisa concentrar-se-á no Centro Educacional de Ibiassucê (CEI) e em seus anexos rurais. O público-alvo abrangerá estudantes vinculados aos eixos IV e V da EJA, segmento correspondente aos anos finais do ensino fundamental.

O percurso empírico será desenvolvido em duas fases complementares e interdependentes. Inicialmente, serão conduzidas oficinas pedagógicas de leitura multimodal, visando garantir o acesso democratizado ao material literário-gráfico e promover a instrumentalização do letramento visual crítico junto aos educandos. Na etapa subsequente, adotar-se-á a técnica de entrevistas semiestruturadas com docentes e discentes, recurso tido

como fundamental para extrair significados não aparentes da recepção da obra e das histórias de vida dos sujeitos, conforme postulam Quivy e Campenhoudt:

> As entrevistas exploratórias têm, portanto, como função principal revelar determinados aspectos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras. Por essa razão, é essencial que a entrevista decorra de uma forma muito aberta e flexível e que o investigador evite fazer perguntas demasiado numerosas e demasiado precisas (Quivy; Campenhoudt, 1998, p. 69).

O *corpus* discursivo resultante das entrevistas será examinado por meio da Análise de Conteúdo em sua vertente temática (Bardin, 1977). O processo seguirá os polos de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

CONCLUSÕES

A pesquisa, em seu atual estágio de formulação teórica e planejamento de campo, postula que o espessamento temático propiciado pela HQ possui vigor suficiente para atuar como estimulante de ideias antirracistas nas classes da EJA em Ibiassucê. Os resultados bibliográficos preliminares apontam que o letramento visual articulado à história afro-brasileira não apenas supre lacunas curriculares legalmente exigidas, mas também converte a sala de aula em um espaço ativo de validação identitária e existencial dos educandos.

Conclui-se, preventivamente, que o ato de ler e decodificar símbolos estéticos da resistência negra (como *Sona* e a figura de *Chibinda Ilunga* presentes na HQ) aciona a memogênese coletiva, dotando os estudantes adultos e idosos de um repertório discursivo fortalecido contra a dominação simbólica. Espera-se que a triangulação dos dados empíricos no decurso do mestrado instrumentalize novas práxis docentes autônomas, oferecendo resistência tática às lógicas homogeneizantes e eurocêntricas do sistema educacional atual.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORGES, Cecília. Saberes docentes: diferentes tipologias e classificações de um campo de pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, p. 59-76, abr. 2001.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga**: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUIVY, Raymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc. **Manual de investigação em ciências sociais**. Tradução de João Marques et al. Lisboa: Gradiva, 1998.

RAMOS, Paulo. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. *In*: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). **Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 83-85.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Apropriação e mobilização de saberes na prática pedagógica: contribuição para a formação de professores. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 247-262, maio/ago. 2007.